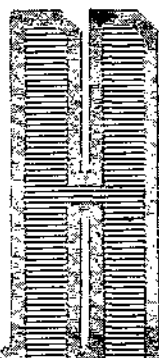




DIÁRIO



República Federativa do Brasil DO CONGRESSO NACIONAL

ANO XLII — Nº 4

TERÇA-FEIRA, 28 DE ABRIL DE 1987

BRASÍLIA — DF

CONGRESSO NACIONAL

SUMÁRIO

1 — ATA DA 4ª SESSÃO CONJUNTA, EM 27 DE ABRIL DE 1987

1.1 — ABERTURA

1.2 — EXPEDIENTE

1.2.1 — Discursos do Expediente

SENADOR LEITE CHAVES — O Poder Judiciário e o Ministério Público, na nova Constituição.

DEPUTADO GERSON PERES — A fixação dos ganhos dos trabalhadores de Serra Pelada.

DEPUTADO VIRGÍLIO GUIMARÃES — A demissão do Ministro Dilson Funaro do Ministério da Fazenda.

DEPUTADO BRANDÃO MONTEIRO, como Líder — Reforma ministerial do Governo do Presidente José Sarney.

DEPUTADO IBSEN PINHEIRO, como Líder — Administração do Ministro Dilson Funaro à frente do Ministério da Fazenda.

1.3 — ORDEM DO DIA

— Projeto de Resolução nº 1/87-CN, que introduz disposições especiais no Regimento Comum a vigorarem durante o período de funcionamento da Assembleia Nacional Constituinte. **Votação adiada** por falta de quorum para o prosseguimento da sessão.

1.3.1 — Comunicação da Presidência

— Convocação de sessão conjunta a realizar-se dia 4 de maio, segunda-feira, às 18 horas e 30 minutos, com Ordem do Dia que designa.

1.4 — ENCERRAMENTO

Ata da 4ª Sessão Conjunta, em 27 de abril de 1987

4ª Sessão Legislativa Ordinária, da 48ª Legislatura

Presidência do Sr. Humberto Lucena

ÀS 19 HORAS E 6 MINUTOS, ACHAM-SE PRESENTES OS SRS. SENADORES:

— Máno Maia — Aluizio Bezerra — Nabor Júnior — Leopoldo Perez — Carlos De'Carli — Odaícir Soares — Ronaldo Aragão — Olavo Pires — João Menezes — Almir Gabriel — Jarbas Passarinho — Alexandre Costa — Edison Lobão — Chagas Rodrigues — Virgílio Távora — Cid Sabóia

de Carvalho — Mauro Benevides — Carlos Alberto — José Agripino — Lavoisier Maia — Marcondes Gadelha — Humberto Lucena — Raimundo Lira — Nivaldo Machado — Antonio Farias — Mansueto de Lavor — Divaldo Suruagy — Teotônio Vilela Filho — Albano Franco — Francisco Rollemberg — Lourival Baptista — Jutahy Magalhães — José Ignácio Ferreira — Gerson Camatz

— João Calmon — Jamil Haddad — Afonso Ari-
nos — Nelson Carneiro — Alfredo Campos —
Ronan Tito — Fernando Henrique Cardoso —
Mário Covas — Mauro Borges — Iram Saraiva —
Irapuan Costa Júnior — Pompeu de Souza —
Maurício Corrêa — Meira Filho — Roberto
Campos — Louremberg Nunes Rocha — Rachid
Saldanha Derzi — Wilson Martins — Leite Chaves

EXPEDIENTE

CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL

PASSOS PÓRTO
Diretor-Geral do Senado Federal
AGACIEL DA SILVA MAIA
Diretor Executivo
LUIZ CARLOS DE BASTOS
Diretor Administrativo
JOSECLER GDMES MOREIRA
Diretor Industrial
LINDDMAR PEREIRA DA SILVA
Diretor Adjunto

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

Impresso sob a responsabilidade da Mesa do Senado Federal

ASSINATURAS

Semestral	Cz\$ 264,00
Despesa c/ postagem	Cz\$ 66,00
(Via Terrestre)	330,00
TOTAL	
Exemplar Avulso	Cz\$ 2,00

Tiragem: 2.200 exemplares.

— Dirceu Cameiro — Nelson Wedekin — Carlos Chiarelli — José Fogaça.

E OS SRS. DEPUTADOS:

Acre

Alécio Dias — PFL; Francisco Diógenes — PDS; Geraldo Fleming — PMDB; José Melo — PMDB; Maria Lúcia — PMDB; Narciso Mendes — PDS; Osmir Lima — PMDB; Rubem Branquinho — PMDB.

Amazonas

Bernardo Cabral — PMDB; Beth Azize — PSB; Carrei Benevides — PMDB; Ezio Ferreira — PFL; José Dutra — PMDB; José Fernandes — PDT.

Rondônia

Analdo Martins — PMDB; Assis Canuto — PFL; Expedito Júnior — PMDB; Francisco Sales — PMDB; José Guedes — PMDB; José Viana — PMDB; Raquel Cândido — PFL; Rita Furtado — PFL.

Pará

Ademir Andrade — PMDB; Aloysio Chaves — PFL; Amílcar Moreira — PMDB; Asdrubal Bentes — PMDB; Benedito Monteiro — PMDB; Domingos Juvenil — PMDB; Eliel Rodrigues — PMDB; Fausto Fernandes — PMDB; Fernando Veiasco — PMDB; Gabriel Guerreiro — PMDB; Gerson Peres — PDS; Jorge Arbage — PDS; Manoel Ribeiro — PMDB; Paulo Roberto — PMDB.

Maranhão

Albérico Filho — PMDB; Cid Carvalho — PMDB; Costa Ferreira — PFL; Davi Alves Silva — PDS; Enoc Vieira — PFL; Francisco Coelho — PFL; Haroldo Sabóia — PMDB; Jayme Santana — PFL; Joaquim Hayckel — PMDB; José Carlos Sabóia — PMDB; José Teixeira — PFL; Onofre Corrêa — PMDB; Samey Filho — PFL; Vieira da Silva — PDS; Wagner Lago — PMDB.

Piauí

Felipe Mendes — PDS; Heráclito Fortes — PMDB; Jesus Tajra — PFL; José Luiz Maia — PDS; Paes Landum — PFL; Paulo Silva — PMDB.

Ceará

Aécio de Borba — PDS; Bezerra de Melo — PMDB; Carlos Benevides — PMDB; Carlos Virgílio — PDS; Cesar Cals Neto — PDS; Etevaldo Nogueira — PFL; Expedito Machado — PMDB; Firmino de Castro — PMDB; Furtado Leite — PFL; Gidel Dantas — PMDB; José Lins — PFL; Lúcio Alcântara — PFL; Luiz Marques — PFL; Manuel Viana — PMDB; Mauro Sampaio — PMDB; Moema São Thiago — PDT; Moysés Pimentel — PMDB; Orlando Bezerra — PFL; Osmundo Rebouças — PMDB; Paes de Andrade — PMDB; Raimundo Bezerra — PMDB; Ubiratan Aguiar — PMDB.

Rio Grande do Norte

Antônio Câmara — PMDB; Iberê Ferreira — PFL; Ismael Wanderley — PMDB; Vingt Rosado — PMDB; Wilma Maia — PDS.

Paraíba

Adauto Pereira — PDS; Agassiz Almeida — PMDB; Aluizio Campos — PMDB; Antonio Mariz — PMDB; Cassio Cunha Lima — PMDB; Edivaldo Motta — PMDB; Edme Tavares — PFL; Evaldo Gonçalves — PFL; João Agripino — PMDB; Lucia Braga — PFL.

Pernambuco

Egídio Ferreira Lima — PMDB; Geraldo Melo — PMDB; Gilson Machado — PFL; Gonzaga Patriota — PMDB; Harlan Gadelha — PMDB; Inocêncio Oliveira — PFL; Joaquim Francisco — PFL; José Carlos Vasconcelos — PMDB; José Jorge — PFL; José Moura — PFL; José Tinoco — PFL; Luiz Freire — PMDB; Nilson Gibson — PMDB; Oswaldo Lima Filho — PMDB; Paulo Marques

— PFL; Roberto Freire — PCB; Salatiel Carvalho — PFL; Wilson Campos — PMDB.

Alagoas

Albérico Cordeiro — PFL; Eduardo Bonfim — PC do B; Geraldo Bulhões — PMDB; José Costa — PMDB; Roberto Torres — PTB; Vinicius Cansção — PFL.

Sergipe

Acival Gomes — PMDB; Bosco França — PMDB; Cleonânio Fonseca — PFL; Djenal Gonçalves — PMDB; João Machado Rollemberg — PFL; José Queiroz — PFL; Messias Góis — PFL.

Bahia

Abigail Feitosa — PMDB; Ângelo Magalhães — PFL; Carlos Sant'Ana — PMDB; Celso Dourado — PMDB; Domingos Leonelli — PMDB; Fernando Santana — PCB; França Teixeira — PMDB; Francisco Benjamim — PFL; Genebaldo Correia — PMDB; Haroldo Luna — PC do B; Jairo Cameiro — PFL; Joaci Góes — PMDB; João Alves — PFL; Jorge Hage — PMDB; José Lourenço — PFL; Jutahy Júnior — PMDB; Leur Lomanto — PFL; Lídice da Mata — PC do B; Luiz Viana Neto — PMDB; Manoel Castro — PFL; Marcelo Cordeiro — PMDB; Mário Lima — PMDB; Nestor Duarte — PMDB; Prisco Viana — PMDB; Raul Ferraz — PMDB; Sérgio Brito — PFL; Uldurico Pinto — PMDB; Virgildásio de Senna — PMDB; Waldec Omélas — PFL.

Espírito Santo

Hélio Manhães — PMDB; Lezio Sathler — PMDB; Nelson Aguiar — PMDB; Nyder Barbosa — PMDB; Rose de Freitas — PMDB; Stélio Dias — PFL.

Rio de Janeiro

Adolfo Oliveira — PL; Álvaro Valle — PL; Amaral Netto — PDS; Anna Maria Rattes — PMDB; Arolde de Oliveira — PFL; Artur da Távola — PMDB;

Benedita da Silva — PT; Bocayuva Cunha — PDT; Brandão Monteiro — PDT; César Maia — PDT; Dasso Coimbra — PMDB; Denisar Arneiro — PMDB; Edmilson Valentin — PC do B; Fábio Rauhneitti — PTB; Flávio Palmier da Veiga — PMDB; Francisco Domelles — PFL; Gustavo de Faria — PMDB; José Carlos Coutinho — PL; José Luiz de Sá — PL; Luiz Salomão — PDT; Lysâneas Maciel — PDT; Márcio Braga — PMDB; Messias Soares — PMDB; Miro Teixeira — PMDB; Oswaldo Almeida — PL; Ronaldo Cezar Coelho — PMDB; Sandra Cavalcanti — PFL; Vivaldo Barbosa — PDT; Vladimir Palmeira — PT.

Minas Gerais

Aloísio Vasconcelos — PMDB; Alysso Paulinelli — PFL; Bonifácio de Andrada — PDS; Carlos Cotta — PMDB; Carlos Mosconi — PMDB; Célio de Castro — PMDB; Chico Humberto — PDT; Christóvam Chiaradia — PFL; Dálton Canabrava — PMDB; Hélio Costa — PMDB; Homero Santos — PFL; Humberto Souto — PFL; Israel Pinheiro — PMDB; José Santana — PFL; José Ulisses de Oliveira — PMDB; Lael Varella — PFL; Luiz Alberto Rodrigues — PMDB; Marcos Lima — PMDB; Maurício Campos — PFL; Maurício Pádua — PMDB; Mauro Campos — PMDB; Mello Reis — PDS; Milton Reis — PMDB; Octávio Elisio — PMDB; Pimenta da Veiga — PMDB; Roberto Brant — PMDB; Ronaldo Carvalho — PMDB; Ronaro Corrêa — PFL; Rosa Prata — PMDB; Sérgio Naja — PMDB; Sérgio Wernick — PMDB; Virgílio Gállassi — PDS; Virgílio Guimarães — PT.

São Paulo

Adhemar de Barros Filho — PDT; Afif Domingos — PL; Agripino de Oliveira Lima — PFL; Antônio Salim Curiati — PDS; Arnold Fioravante — PDS; Cardoso Alves — PMDB; Cunha Bueno — PDS; Del Bosco Amaral — PMDB; Delfim Netto — PDS; Eduardo Jorge — PT; Farabulini Júnior — PTB; Fernando Gasparian — PMDB; Florestan Fernandes — PT; Francisco Amaral — PMDB; Gastone Righi — PTB; Irma Passoni — PT; Jayme Paliarin — PTB; João Rezak — PMDB; Joaquim Bevilacqua — PTB; José Genoíno — PT; Koyu Iha — PMDB; Luis Gushiken — PT; Mendes Botelho — PTB; Michel Temer — PMDB; Nelson Seixas — PDT; Paulo Zarzur — PMDB; Plínio Arruda Sampaio — PT; Ricardo Izar — PFL; Roberto Rollemberg — PMDB; Robson Marinho — PMDB; Sólton Borges dos Reis — PTB; Theodoro Mendes — PMDB; Ulysses Guimarães — PMDB.

Goiás

Aldo Arantes — PC do B; Antonio de Jesus — PMDB; Délio Braz — PMDB; Fernando Cunha — PMDB; Jallies Fontoura — PFL; João Natal — PMDB; José Freire — PMDB; Maguito Vilela — PMDB; Mauro Miranda — PMDB; Naphtali Alves — PMDB; Nion Albernaz — PMDB; Paulo Roberto Cunha — PDC; Pedro Canedo — PFL; Roberto Balestra — PDC; Siqueira Campos — PDC.

Distrito Federal

Augusto Carvalho — PCB; Francisco Carneiro — PMDB; Geraldo Campos — PMDB; Jofran Frejat — PFL; Marcia Kubitschek — PMDB; Maria de Lourdes Abadia — PFL; Sigmaringa Seixas — PMDB; Valmir Campelo — PFL.

Mato Grosso

Antero de Barros — PMDB; Joaquim Sucena — PMDB; Jonas Pinheiro — PFL; Osvaldo Sobrinho — PMDB; Percival Muniz — PMDB; Rodrigues Palma — PMDB; Ubiratan Spinelli — PDS.

Mato Grosso do Sul

José Elias — PTB; Levy Dias — PFL; Plínio Martins — PMDB; Ruben Figueiró — PMDB; Saulo Queiróz — PFL; Valter Pereira — PMDB.

Paraná

Alarico Abib — PMDB; Aiceni Guerra — PFL; Basílio Villani — PMDB; Darcy Deitos — PMDB; Dionísio Dai Prá — PFL; Ervin Bonkoski — PMDB; Euclides Scalco — PMDB; Hélio Duque — PMDB; José Tavares — PMDB; Jovanni Masini — PMDB; Maurício Nasser — PMDB; Nelson Friedrich — PMDB; Nilson Sguarez — PMDB; Osvaldo Macedo — PMDB; Paulo Pimentel — PFL; Renato Bernardi — PMDB; Renato Johnsson — PMDB; Sérgio Spada — PMDB; Tadeu França — PMDB; Waldyr Pugliesi — PMDB.

Santa Catarina

Alexandre Puzyna — PMDB; Antônio Carlos Konder Reis — PDS; Cláudio Ávila — PFL; Eduardo Moreira — PMDB; Henrique Córdova — PDS; Luiz Henrique — PMDB; Orlando Pacheco — PFL; Paulo Macarini — PMDB; Renato Vianna — PMDB; Ruberval Piloto — PDS; Wilson Souza — PMDB; Walmor de Luca — PMDB.

Rio Grande do Sul

Adroaldo Streck — PDT; Adilson Motta — PDS; Amaury Müller — PDT; Amaldo Prieto — PFL; Darcy Pozza — PDS; Floriceno Paixão — PDT; Hermes Zanetti — PMDB; Hilário Braun — PMDB; Ibsen Pinheiro — PMDB; Irajá Rodrigues — PMDB; Ivo Lech — PMDB; Ivo Mainardi — PMDB; João de Deus Antunes — PDT; Júlio Costamilan — PMDB; Luís Roberto Ponte — PMDB; Mendes Ribeiro — PMDB; Nelson Jobim — PMDB; Osvaldo Bender — PDS; Paulo Mincarone — PMDB; Ruy Nedel — PMDB; Vicente Bogo — PMDB; Victor Faccioni — PDS.

Amapá

Eraldo Trindade — PFL; Geovani Borges — PFL; Raquel Capiberibe — PMDB.

Roraima

Chagas Duarte — PFL; Marluce Pinto — PTB; Mozanildo Cavalcanti — PFL; Ottomar Pinto — PTB.

O SR. PRESIDENTE (Humberto Lucena) — As listas de presença acusam o comparecimento de 57 Srs. Senadores e 291 Srs. Deputados.

Há número regimental.

Declaro aberta a sessão.

Há oradores inscritos para o período de breves comunicações.

Concedo a palavra ao nobre Sr. Senador Leite Chaves.

O SR. LEITE CHAVES (PMDB — PR. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Congressistas, acho que este plenário também é muito apropriado para discutirmos matérias que se encontram nas comissões e subcomissões, pois nossa grande luta é para formar idéias, adquirir posicionamento e alcançar aquele mínimo ético sem o qual lei alguma pode ser feita.

Dou conhecimento à Casa de uma grande dificuldade que estamos tendo na Subcomissão do Poder Judiciário e do Ministério Público, a que pertencem. Os nossos trabalhos estão indo maravilhosamente bem, temos um Relator excepcional, um Presidente que está conduzindo bem as reuniões, um nível elevado dos nossos companheiros, mas a grande questão é saber como fazer uma roupagem jurídica para o País. Hoje, numa interpelação a professores que proferiam palestra, eu dizia que nossa posição era idêntica à de um alfaiate que estava fazendo uma roupa correta para alguém que fosse corcunda. Então, para que essa roupa se ajuste bem, tem de ser imperfeita.

Discutimos hoje três temas que devem merecer também a consideração dos demais parlamentares: a unificação da Justiça. Deve ela ser atualizada, dupla, dual ou unificada?

Durante muitos anos, tentou-se isso nesta Casa com muita dificuldade, porque os Estados mais pobres, inclusive alguns do Nordeste — aqueles que mais careciam de fugir da responsabilidade do pagamento das despesas do Judiciário — eram exatamente os que desejavam manter a Justiça sob o seu talante, pois muitos daqueles grandes usineiros exerciam influência terrível sobre os governadores. E aquelas pessoas influentes economicamente jamais poderiam admitir não ter sob o seu comando a Justiça e a Promotoria Pública.

Hoje é o grande instante para se resolver isso: governadores novos, realidade nova. Além do mais, essa argumentação de que a federalização da Justiça implica quebra do federalismo não tem — nem poderia ter — aceitação, porque os próprios juizes aplicam leis federais. Os Códigos Civil, Comercial, de Processo Civil e o de Processo Penal são federais. Então, a legislação é federal, e o que caracteriza a atenuada Federação brasileira é a administração por governadores dos Estados.

O segundo ponto que discutimos foi a questão da criação da Corte Constitucional. Se aqui elaboramos a Constituição em nome dessa premência que o povo colocou em nossas mãos, como vamos deixar de ter o fiscal que seja o guarda pênvigo, o vigilante dessa nova Constituição? Como funcionaria essa Corte Constitucional? O Supre-

mo Tribunal Federal nela se transformaria ou ela seria criada paralelamente? A certeza é de que todos os países que saíram do regime de força e de violência encontraram proteção na Corte Constitucional. Acho que os Srs. Deputados e Senadores, os Srs. Constituintes, podem meditar sobre esse tema.

O outro é a questão da eleição de juízes. A grande luta, o grande motivo dos nossos trabalhos é conseguir uma justiça humanizada, que cada vez mais esteja próxima do povo. Aliás, não sabemos se é a Justiça que se distanciou do povo, ou o se povo que, no seu empobrecimento progressivo, se afastou da Justiça.

Mas o concurso de juízes não seria com integração e participação de órgãos partidários. Os juízes, os candidatos, se habilitariam na forma comum perante a Justiça, comprovariam os requisitos técnicos e de moralidade e depois, perante cada comunidade, mostrariam sua identificação com o povo, com a cidade, com a comunidade e sua projeção sentimental. As leis que fizemos aqui podem ser a mais justas e as mais humanas, porém, se não forem aplicadas por juízes que tenham identificação com a sociedade, elas serão fontes de injustiça e de amargura.

Então, estamos refletindo no dia hoje sobre esse tema. Já ouvimos todas as entidades. O Regimento estabelece que seja um mínimo de cinco e o máximo de oito; estamos agora ouvindo juristas. Confesso a V. Ex's que é um dos pontos mais difíceis, porque toda lei que aqui fizermos haverá de ser julgada e aplicada pelo Judiciário. E se não reservamos grande atenção e igual capacidade de criatividade nesse ponto, encontraremos dificuldades para dar ao País a Constituição que, embora não seja a, dos seus sonhos, não vise à Justiça, mas vise pelo menos a um certo desejo de segurança e tranquilidade.

O SR. PRESIDENTE (Humberto Lucena) — Concedo a palavra ao Deputado Gerson Peres.

O SR. GERSON PERES (PDS — PA. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, encontramos em Brasília garimpeiros da minha região, Serra Pelada, lá do meu Tocantins. Esses homens estão lutando há bastante tempo para obter do Presidente da República mensagem que, transformada em lei, lhes garanta definitivamente a permanência nas localidades em que trabalham. Reunidos em cooperativa, apresentaram manifesto substancial, com argumentos válidos, justificando que tal permanência, além de beneficiá-los, irradiará uma sólida ajuda e cooperação aos que vivem nas cercanias de Serra Pelada. Esses já ultrapassam a casa dos 50 mil. Alguns calculam muito mais. Estiveram, hoje, nos gabinetes deste Congresso apelando para as lideranças políticas do PMDB — em cujas mãos se encontra o poder — no sentido de que agilizem essas medidas, a fim de que não venham a sofrer prejuízos nem percam, amanhã, a oportunidade de ter uma vida mais condigna, estável e com garantias.

Uma vez que os garimpeiros não passam de simples nômades em torno das minas brasileiras, não têm amparo legal. O Código de Mineração não previa e não prevê qualquer garantia ao trabalhador do garimpo. Não há uma estrutura capaz de estabelecer para eles uma vida social com lazer, saúde e educação.

Sr. Presidente, esses homens vêm a Brasília e voltam ao garimpo. Repetem-se estas cenas todos os anos. Já é hora de colocarmos um basta nessa situação e encontrarmos uma solução definitiva para o problema.

Há dias estivemos com o Senador Fernando Henrique Cardoso, Líder do Governo, em companhia do Deputado Ademir Andrade, do PMDB, jovem e bravo lutador da minha região em favor dos garimpeiros. Dirigimos apelo a S. Ex. para que sensibilizasse a Presidência da República no sentido de normalizar as atividades garimpeiras em Serra Pelada. Foi-nos dada uma esperança, que nos tem alentado. Até o presente, a vida desses milhares de brasileiros continua sem nenhuma garantia.

Faço essas considerações em homenagem à presença dos garimpeiros em Brasília, ao mesmo tempo em que transformo este pleito no apelo do meu partido e no de todos quantos se sensibilizam com os problemas sociais que cercam classes trabalhadoras como a dos garimpeiros e outras.

Espero que o PMDB, através das suas lideranças, agilize o projeto em tramitação e aprove as medidas de acordo com o manifesto hoje lançado em Brasília e entregue às autoridades competentes.

São as considerações que faço, Sr. Presidente, ante as aspirações justas e válidas dos bravos trabalhadores do meu Tocantins.

O SR. PRESIDENTE (Humberto Lucena) — Concedo a palavra ao nobre Deputado Virgílio Guimarães.

O SR. VIRGÍLIO GUIMARÃES (PT — MG. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Senadores, há exatamente um ano este País tinha um herói televisivo, que conseguia apaixonar a população brasileira com sua presença marcante, despertar em nossas famílias a solidariedade, a compaixão por uma pessoa doente e lutadora, inteligente e simpática. Sua presença, suas convicções, a capacidade, que emanava das palavras que proferia nos meios de comunicação do País inteiro, despertavam esperança nos trabalhadores. Essa pessoa que se projetava para receber aplausos da Nação inteira era o então festejado Ministro Dilson Funaro. Um ano é passado, e hoje esse Ministro se demite, ou é demitido, — não sei bem — sem despertar nenhuma paixão, nenhuma compaixão, nem pena, nem lágrimas. Vai-se embora e nem uma saudade deixa. Ele se foi porque sua varinha de condão, o Plano Cruzado, que o transformou em herói da noite para o dia, não passava de uma grande mistificação. S. Ex. provou que era realmente o Ministro nota dez enquanto cabo eleitoral, mas nota zero enquanto gestor da economia brasileira. E esse seu plano mirabolante, maravilhoso, fracassou exatamente porque não foi capaz de ir às raízes dos problemas brasileiros, já que era apenas uma miragem eleitoral. Não atacou, como deveria, os problemas cruciais; não resolveu o problema cambial brasileiro, não livrou o País da sua dívida externa. Falhou também porque não tomou nenhuma atitude corajosa frente aos banqueiros internacionais, dobrou-se, o tempo todo, aos ditames do FMI, mesmo sem vir aqui uma missão formal do Fundo Monetário Internacional; não re-

solveu o problema das taxas de juros. Os banqueiros continuaram ameaçando os seus lucros e a reforma agrária não passou de promessa postumada. O congelamento dos preços e o Plano Cruzado naufragaram, após as eleições de 15 de novembro do ano passado.

Agora as esperanças brasileiras não podem mais ficar nas mãos de um Ministro da Fazenda. Mudam-se os nomes, mas os métodos continuam. Se não se reintroduzirem outros objetivos à política econômica, ela estará, mais uma vez, fadada ao fracasso.

O brasileiro nada mais espera deste Governo, não acredita em propagandas feitas por José Sarney, por maior que seja o esforço que S. Ex. faça, reintroduzindo o **marketing** político e a mistificação, com medidas tomadas e que sucessivamente fracassam porque em nada alteram a marcha forçada da economia brasileira, que se encontra frente ao abismo, ao fracasso.

As esperanças do brasileiro hoje são muito tênues. Elas se depositam neste Congresso Nacional. Se a Assembléia Nacional Constituinte não assumir as responsabilidades de resolver as questões que o Sr. Dilson Funaro e o Governo José Sarney não resolveram, problemas de base que levaram ao fracasso do Plano Cruzado, à permanência da submissão do Brasil ao capital monopolista às multinacionais, aos banqueiros e aos latifundiários; se a Assembléia Nacional Constituinte não adotar atitudes corajosas para suspender o pagamento da dívida e estatizar o sistema financeiro, colocando um basta nessa taxa de juros, coibindo a especulação financeira, acabando com o endividamento interno que sangra nossos recursos públicos; se ela não implantar uma reforma agrária capaz de resolver o problema do abastecimento interno, então a Assembléia Nacional Constituinte frustrará, também, esse resto de esperança que existe no coração de nosso povo.

Por isso peço a atenção deste Congresso para, politicamente, travar uma luta nacional pela resolução desses problemas. Se promova uma mobilização popular capaz de colocar o Governo José Sarney na defensiva e de reimplantar na Assembléia Nacional Constituinte a direção da política econômica. Ela deve partir daqui, mas, acima de tudo, deve partir dos piquetes de greve, das mobilizações de rua, dos anseios existentes nas fábricas, nas escolas e nas fazendas, anseios de que a Assembléia Nacional Constituinte consiga cumprir seu objetivo, o de fazer com que o povo seja dono de seu próprio destino e, acima de tudo, fazer com que a economia brasileira seja gerida, dirigida para atender às necessidades da população e não para enriquecer, mais uma vez, os velhos tubarões de sempre, as multinacionais que na Velha e na Nova Repúblicas estiveram sempre no posto de comando dessa política econômica.

Só com esse grito de basta que o povo espera deste Congresso, estaremos respeitando os votos que recebemos nas urnas em 15 de novembro. Se isso não for feito, não tenham dúvidas, Srs. Congressistas, de que daqui a quatro anos, quando novamente forem procurar o povo para pedir-lhe voto, encontrarão o mesmo sentimento que hoje cerca esse Ministro demissionário: o desprezo.

Aqueles que traem a confiança do povo só podem encontrar, por parte do próprio povo, o desprezo.

O SR. PRESIDENTE (Fábio Lucena) — Concedo a palavra ao nobre Deputado Brandão Monteiro, como Líder do PDT.

O SR. BRANDÃO MONTEIRO (PDT — RJ. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Congressistas, o País vive hoje um momento extremamente difícil e importante. Anuncia-se a chamada reforma ministerial do Governo do Presidente Sarney. Previamente já requereram dispensa do Ministério os Ministros Marco Maciel e Dilson Funaro. Somos daqueles que examinam a queda do Ministro Dilson Funaro não como uma fatalidade, ou um posicionamento relativo à sua passagem pelo Ministério da Fazenda, como evidentes erros e com alguns acertos, mas que entendem que o Ministro Dilson Funaro foi vítima de um Governo ilegítimo, frágil, que busca planos utópicos para tentar fugir do quadro inequívoco da sua ilegitimidade, de uma popularidade dos ibopes. Reconhecemos que, pelo menos, a postura do Ministro Dilson Funaro é diferente da dos ministros anteriores, os da Velha República. Sua posição parece-nos mais pessoal do que representativa do governo que ele compunha, em relação aos credores internacionais do Brasil. Evidentemente, o fracasso da política econômica poderia ter levado em seu bojo as dificuldades por que passava o Governo, e o Ministro Dilson Funaro buscava sempre o caminho certo a recessão aberta das negociações com o Fundo Monetário Internacional, como ocorrera em 1983, quando o Brasil estava em situação exatamente igual nas suas reservas internacionais. Não quero discutir a queda do Ministro da Fazenda, que já não o é. É fundamental e importante que não usemos este fato para justificar posições dos que, ontem, estavam no Governo e o sustentavam e hoje defendem a sua queda como se fosse irremediável, em função de erros que por certo cometera.

É preciso restabelecer a verdade, o regime ou a forma de governo neste País presidencialista. O responsável pelos erros da política econômica não é o Ministro da Fazenda, mas o Presidente da República, José Sarney, que publicamente, sempre diz que é da sua competência a nomeação e a demissão de ministros, a política do seu governo e a demissão de ministros. Cai Dilson Funaro, e o que se ouve hoje, no noticiário da imprensa e nas especulações a respeito do novo Ministério é muito sério, Sr. Presidente: fala-se no nome do Governador Tasso Jereissati, recém-eleito para o Governo do Ceará.

O que representaria o Governador Tasso Jereissati no Ministério da Fazenda? Parece-me que mais uma etapa dos problemas muito graves por que passa o Governo do Presidente José Sarney. Busca-se um nome do PMDB que pouco tem a ver com o PMDB, mas que tem posições muito mais próximas das posições conservadoras do PFL. Busca-se um cearense que é muito mais empresário de São Paulo, ligado à Fiesp e aos bancos, do que um homem que pudesse vir a redirecionar a política. Não nos interessam nomes, mas que este Governo apresente ao País alternativas concretas para a solução do grave problema econômico brasileiro.

Estamos com uma inflação que, para o mês de abril, já se estipula que poderá chegar a 18%.

Estamos numa situação extremamente grave, diante da reforma ministerial, outrora cantada em

verso e prosa, sobretudo pelos Governadores de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Aliás, governadores que poderiam ter suas divergências com o Ministro Dilson Funaro, mas que deveriam ter uma postura mais séria em relação ao País, enquanto o pobre Dilson Funaro, já quase no buraco que o levaria à demissão do Ministério da Fazenda, estava negociando a dívida externa brasileira no exterior. Foram esses governadores que convocaram a imprensa para solicitar a cabeça do Ministro Dilson Funaro. Mas, Sr. Presidente, Srs. Congressistas, o que nos chama a atenção é essa reforma ministerial solicitada por esses governadores e por outros que, na verdade, têm interesse fundamental em pressionar o Ministro da Fazenda para resolver os seus problemas de caixa dos Estados. E aí cabe um parêntese: hoje o PMDB está pagando, com seus governadores, uma fatura alta em função de não ter cumprido os compromissos assumidos em praça pública. O PMDB que pregou junto com todos os partidos a chamada campanha nacional pelas diretas, fazia propostas na tentativa, como todos nós, de encaminhar soluções para os problemas brasileiros. O PMDB chegou ao Governo em cima do chamado Plano Cruzado. Lembro-me de que esses mesmos governadores que estavam a pedir a cabeça do Ministro Dilson Funaro disputavam muito avidamente a sua presença nos seus palanques, no tempo das vacas gordas, do chamado Plano Cruzado.

O que fizeram e o que fez o PMDB com o Plano Cruzado? Conseguiu eleger 99,9% dos Governadores. Tinha assumido compromissos na campanha eleitoral, e todo o povo brasileiro acreditava que o Governo que até então se iniciava sob a égide da Aliança Democrática encaminharia soluções, no plano institucional, que acabassem imediatamente com o entulho autoritário no País, que ainda hoje fere a dignidade e a soberania da Assembleia Nacional Constituinte, assim como se buscasse fazer uma reforma tributária, de forma a dar aos Estados condições melhores de relação de governo.

O PMDB elegeu seus Governadores, manteve a mesma estrutura autoritária e centralizadora do sistema tributário nacional, e hoje está pagando o preço desta sua posição. Todos os governadores de pires na mão, diante do Presidente da República, buscando recursos para poderem governar.

É evidente, digo desta tribuna, o desgaste que esses governadores terão pela frente. Tal como na eleição dos prefeitos, deram os anéis para não darem os dedos. As eleições de prefeito para as capitais ocorreram em todas as prefeituras, e todos os Estados estão em situação calamitosa, na mesma linha do tempo do autoritarismo: a centralização financeira nas mãos do Governo Federal.

Mas, Sr. Presidente, ainda sobre a chamada reforma ministerial, ouve-se falar que será guindado ao cargo de Ministro-Chefe do Gabinete Civil o Ministro dos Transportes, José Reinaldo Tavares. Acho que é uma posição inteligente do Presidente José Sarney. É preciso uma pessoa de casa, um filhote criado no Governo do Maranhão, pelo Presidente José Sarney, que possa conviver com o esquema familiar do genro, da filha e do matriarcado deste Governo, que é o Sr. Saulo Ra-

mos, que tem mais poder do que qualquer Ministro. Se não for nenhuma pessoa ligada a laços de submissão a esse grupo que comanda o Gabinete Civil, por certo não ficará como Ministro do Gabinete Civil.

É lamentável essa dita reforma ministerial, que retrata um Governo fraco, hoje sem apoio nem do seu partido, na sua totalidade. O PMDB, que não assume o Governo José Sarney, só o assumirá na medida em que cumprir seus compromissos e corrigir o que o PMDB acha injusto. A Frente Liberal está dividida, alguns já pedindo eleições diretas e outros tentando manter o apoio ao Presidente José Sarney em função dos cargos e dos ministérios.

O Presidente não tem apoio dos empresários, não tem apoio da classe média, não tem apoio dos trabalhadores. De resto — e é ele quem o diz com muita tranquilidade — só não tem problemas com as Forças Armadas. Trata-se de um Governo que a cada dia que passa traz para o centro da crise brasileira as Forças Armadas — o que nos preocupa.

Por isso, Sr. Presidente e Srs. Congressistas esperamos que o Governo do Presidente Sarney assuma a única atitude coerente, a única atitude realmente séria, para os destinos do País. Que assumam e subscrevam os compromissos do Presidente Tancredo Neves, que com muita clareza dizia, nos comícios e após a eleição, que este era um governo de transição. Referia-se à transição do autoritarismo para a democracia.

Aliás, a transição mais longa da história do mundo, porque nascera em 1968 e se arrasta até hoje, pois a única preocupação do Presidente Sarney é com o "fiquismo". Este é o Governo de transição que não foi eleito pelo povo. Um Governo que não tem um só voto, não tem um plano nacional para a economia do País, não encaminhou questões que venham a resolver a crise institucional brasileira e procura manter-se no poder como se fosse um Governo eleito para o povo e pelo povo comandado.

Aliás, o Dr. Saulo Ramos, que de mero constitucionalista, mero comercialista de São Paulo, com algumas passagens muito críticas, tomou-se, de repente, o grande constitucionalista do País, cometeu a aberração de dizer, que "nós queríamos fazer a desconstituinte" e que o Presidente Sarney tem seu mandato de seis anos, porque é um direito adquirido. Pérola rara do constitucionalismo brasileiro!

Muito obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Humberto Lucena) — Tem a palavra o Deputado Ibsen Pinheiro.

O SR. IBSEN PINHEIRO (PMDB — RS. Sem revisão do orador.) — Não tenho dúvidas em afirmar, Sr. Presidente e Srs. Congressistas, que o Sr. Ministro Dilson Funaro cometeu grave erro, à testa do Ministério da Fazenda, e por ele pagou politicamente. Não tenho dúvidas de que errou, e gravemente, quando introduziu na política fazendária nacional a preocupação de que o desenvolvimento se fizesse, mas não com o suor do trabalhador. Mexeu com interesses sagrados, secularmente intangíveis e intangíveis, e teve a suprema audácia de transformar sua palavra em gesto político.

E, pela primeira vez, através do Plano Cruzado, realizou-se a mais espantosa transferência de renda da História do País, de explorados e exploradores. Sem dúvida, errou grandemente o Sr. Ministro Dilson Funaro. Não percebeu, talvez, o tamanho das forças que se opõem ao seu gesto e à sua atuação. O que se viu, Sr. Presidente e Srs. Congressistas, foi o despudor com que os autores da dívida criticavam o autor da moratória, o deslante, a audácia infinita do autor da dívida, circulando pelos corredores deste Congresso como se fosse o herói e não o vilão de uma história recente. Um homem de quem não se pode dizer que tenha uma biografia, mas um prontuário, que o trouxe a esta Casa.

Pois houve a extrema vilania de agredir-se o Ministro Funaro pela sua opção pelos pobres, pelo desenvolvimento, pela distribuição de riquezas. Então, os autores da dívida criticaram, agrediram, buscaram o deboche sobre o autor da moratória, levando longe demais o conceito de que o povo não tem memória — talvez melhor dissesse a esperança de que o povo não tenha memória. Os autores do arrocho salarial e da legislação que nos impuseram há três ou quatro anos, neste plenário, criando limitações de 70% do INPC aos salários dos trabalhadores, isto é, afanando 30% da simples correção salarial do trabalhador; esses audaciosos autores do furto mais escandaloso da história da política salarial em qualquer país do mundo — porque sempre se roubam salários, mas com lei, somente no Brasil — pois os autores desse furto ilegal, indecente e imoral sentiram-se no direito audacioso de criticar, de agredir, de buscar o achincalhe contra o autor do gatilho salarial, conquista dos trabalhadores. Quando estes reivindicaram semestralidade ou trimestralidade, foi Funaro quem criou o gatilho salarial — capaz até de ser mensal, se o índice inflacionário assim o determinar.

É até contristador observar que a dinâmica do processo político possa confundir vilões e vítimas. Fez justiça ao Ministro Funaro o Deputado Brandão Monteiro, quando registrou esta diferença essencial na conduta do Ministro demissionário e, por esta diferença, o Brasil é-lhe devedor. O Ministro Funaro compareceu, há poucos dias, ao auditório Petrólio Portela e, numa audiência pública com a bancada do PMDB, apresentou o diagnóstico mais claro, mas cru e mais candente das causas do nosso endividamento. Podia ter saído pela porta fácil da corrupção do Governo anterior — porque tudo o que se disse de denúncia de corrupção do Governo anterior "cola", as pessoas acreditam, porque o terreno é fértil. Mas o Ministro, seriamente, meteu o dedo na verdadeira chaga, a dependência externa, a manipulação externa das nossas relações de troca e a manipulação financeira da nossa dívida.

Um Ministro sério, bem intencionado, transparente, que assumiu os riscos da opção que fez, pode ter cometido erros, mas caiu pelo grande acerto que praticou e que legou à nossa realidade política. É um patrimônio do País, hoje, o compromisso do desenvolvimento econômico, o combate à recessão.

Não vamos voltar ao tempo do Sr. Delfim Netto, que aqui deveria estar sentado e, em vez de fazer piadinhas nos jornais, na farta audiência que tem, deveria comparecer à tribuna para explicar fatos

da sua vida pregressa que, até bem recentemente, ocuparam as atenções de Comissões Parlamentares de Inquérito. Mas não; o Sr. Delfim Netto sente-se no direito de usar o deboche e o achincalhe contra o homem de bem.

Mas não foi apenas a vesguice e a cegueira política de algumas lideranças de partidos populares. Mais uma vez, prestaram serviço, e a mão direita serviu-se da mão esquerda, para que ambas precipitassem as circunstâncias que determinaram até mesmo a derrota do Plano Cruzado.

Quando se vê o Presidente da CUT repetindo palavras de Delfim Netto, tenhamos a certeza de que o Sr. Delfim Netto não se engana. Esses setores não se enganam, Sr. Presidente. Os setores da reação, do alto sistema financeiro brasileiro, estão vinculados aos interesses internacionais, e eles não se enganam politicamente, proque não cultivam uma consciência política. Eles têm é bolso, mesmo. Mas vi lideranças populares, entre elas o presidente nacional da CUT, repetindo piadinhas do Sr. Ministro Delfim Netto, e ambos sendo portas-vozes, em uníssono, dos interesses internacionais. Por isto, sim, lamento, Sr. Presidente. Lamento que a vesguice, a cegueira política e o passionalismo partidário tenham impedido esses homens de perceber que o Sr. Dilson Funaro precisava — e merecia — do apoio crítico das forças populares. Não estou aqui reclamando a adesão da Oposição. Se defendo o Sr. Dilson Funaro, faço-o com o direito de representante do povo. Que cada partido cumpra criticamente seu compromisso.

Quando o Sr. Dilson Funaro se expôs na defesa do Plano Cruzado, o de que precisava, ao contrário do descrédito que recebera dos partidos populares, era apoio cobrador e crítico. Portanto, equivocaram-se as lideranças expressivas de partidos populares. Não é a primeira vez que a estreiteza, o sectarismo e a paixão política carregam todas as águas para o moinho das forças reacionárias neste País.

Ouçó, com prazer, o Deputado Brandão Monteiro.

O Sr. Brandão Monteiro — Nobre Deputado Ibsen Pinheiro, gostaria de restabelecer um pouco a história da passagem do Sr. Ministro Dilson Funaro, relativamente à posição do PDT. Fomos, talvez, o único partido a manter coerência inabalável. Quando da edição do Plano Cruzado, o Governador Leonel Brizola foi o único líder nacional a criticá-lo, prevendo-lhe fracasso, diferentemente do Ministro Delfim Netto, que o elogiou. Mas quando, por proposta do Ministro Dilson Funaro, se estabeleceu a moratória do pagamento dos juros da dívida externa brasileira, coerentemente demos a público uma nota, apoiando a moratória, pois entendemos que devemos avançar nesse processo. Por isso estamos muito tranquilos quanto ao nosso posicionamento em relação ao Ministro Dilson Funaro. Se achamos que S. Ex.^a cometeu erro, não confundimos, porém, sua passagem com a dos Ministros da Fazenda dos governos autoritários, que hoje procuram — e aí é bom lembrar — a despeito das dificuldades do Governo Sarney com a política econômica, criticar, de forma dura, o Ministro Funaro, responsabilizando-o por todos os problemas da economia brasileira, quando, na verdade, os pressupostos da crise da dívida externa e também da

crise muito grave da dívida interna têm suas premissas nos vinte anos de autoritarismo por que passou este País.

O Sr. Ibsen Pinheiro — Nobre Deputado Brandão Monteiro, não me custa reconhecer a boa dose de verdade no que afirma V. Ex.^a. É fato que seu partido se posicionou favoravelmente à moratória e é fato que tem tido uma postura crítica em relação ao Plano Cruzado, mesmo nos seus momentos de fastígio e de repercussão popular. Mas também não me custa, nobre Deputado, uma posição crítica a um Partido popular como o de V. Ex.^a. Há de se distinguir o direito e o dever da crítica da capacidade de apoiar os avanços propiciados pelo atual Governo, que, se tem contradições é porque expressa uma ampla aliança responsável por esta transição. Tivesse o Ministro Funaro contado com apoios mais significativos nas áreas populares, talvez o Plano Cruzado não deixasse apenas uma lembrança positiva, mas resultados que indicassem uma construção, um caminho no desenvolvimento deste País.

A preservação do regime democrático não significa o congelamento da realidade social, a estratificação das injustiças que aí estão, mas, ao contrário, a possibilidade de mudança, de transformação. Isto não construímos. É certo também, nobre Deputado Brandão Monteiro, que os ex-Ministros da Fazenda, a rigor, não fazem oposição em bloco ao Governo Sarney, mas, sim, aos acertos da atual Administração. Não é outra a conduta do Sr. Delfim Netto ou do Sr. Simonsen. O que lhes parece negativo — temos o direito de afirmar isso — tem o seu apoio, e o que lhes parece positivo, especialmente no rumo da distribuição da renda neste País, tem a sua oposição tenaz; diria mais, até mesmo a sua militante conspiração.

Ouçó o nobre Deputado Vivaldo Barbosa, com a maior atenção e o maior prazer.

O Sr. Vivaldo Barbosa — Agradeço a V. Ex.^a por ter percebido minha atitude de querer apartear-lo. Nobre Deputado Ibsen Pinheiro, a análise de V. Ex.^a é lúcida e pertinente aos temas que coloca. Mas permita-me sublinhar a reclamação que faz aos partidos políticos com compromisso de crítica ao Governo e à Nova República. Afirma V. Ex.^a que todos deveriam alinhar-se na defesa do Ministro Dilson Funaro, enaltecendo sua passagem pelo Ministério da Fazenda, apoiando a política e a ação que imprimiu aos destinos da economia do País. Nós, esses políticos com compromissos populares, temos muitas razões para não aderir às políticas, às decisões do Ministro Dilson Funaro, assim como temos muitas razões para não apoiar as políticas da Nova República, especialmente sua política econômica. Em primeiro lugar, a política econômica mais viva da Nova República, o Plano Cruzado, teve adesão total de todos os responsáveis pela política da velha República. Aderiram ao Plano Cruzado os ex-ministros Delfim Netto, Márcio Henrique Simonsen e Roberto Campos. Aliás, foram as adesões desses ex-ministros que nos ajudaram a ver com mais clareza os erros, os defeitos, as incongruências do Plano Cruzado. Isso fez com que nós, da Oposição, tivéssemos mais nitidez em nossa visão de que o Plano não daria certo, e assim passamos a agir com contundência e clareza desde os nossos primeiros pronunciamentos, contra o Plano Cruzado. Por estes motivos, porque não

queremos estar nessas companhias, porque rejeitamos a política de concentração do Plano Cruzado, que segue o modelo da Velha República, é que jamais pudemos apoiar o Ministro Dilson Funaro. Há também uma segunda razão para não termos apoiado o Ministro Dilson Funaro, revelada hoje no pronunciamento do Constituinte César Maia, na sessão ordinária da Câmara dos Deputados. S. Ex^a lembrou que o Ministro Dilson Funaro, em seu pronunciamento a esta Câmara, no qual defendia seu projeto econômico, não profereu, uma vez sequer, as palavras "trabalhador" e "empregado". V. Ex^a pode ver que há apenas uma referência a "salário" em todo o pronunciamento trazido pronto à Câmara. Um Ministro com essas preocupações políticas e econômicas e um governo que sustenta uma orientação como esta não podem receber o apoio de qualquer força popular. Não poderão receber o apoio de qualquer partido com compromissos populares, senão algo errado estaria acontecendo. Algo de profundamente errado acontece com uma política econômica que não leva em conta os trabalhadores na sua formulação, não traz a palavra salário na sua formulação. Um Ministro que recebe adesão, como recebeu o Ministro Dilson Funaro, de Delfim Netto, de Roberto Campos e de Mário Henrique Simonsen não pode receber o apoio de qualquer partido que tenha compromissos populares, senão, repito algo de profundamente errado estaria acontecendo. Por isso, chamo a atenção de V. Ex^a para a reflexão sobre esses dois pontos, porque assim o ilustre colega não cobrará com tanto empenho essa postura política e o apoio ao Ministro Dilson Funaro por parte de políticos e partidos que tem compromissos populares. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Humberto Lucena) — Nobre Deputado Ibsen Pinheiro, solicito a V. Ex^a que conclua as suas considerações, pois seu tempo está esgotado.

O SR. IBSEN PINHEIRO — Vou concluir, Sr. Presidente, mas, antes de encerrar meu discurso permita-me agradecer ao nobre Deputado Valdo Barbosa o aparte.

Quero reiterar, eminente companheiro, que sobre essas questões já refleti, desta tribuna, quando recolhia aquilo que para mim é ensinamento, o fato de que a atividade política não se faz com estreiteza nas siglas. Até porque, se V. Ex^a evita as más companhias, de um lado, acaba junto

delas por outras razões, como, no caso, festejando agora a queda do Ministro Dilson Funaro.

O que se percebe é que se unem na mesma festa setores os mais díspares do nosso processo político. Reclamar que o Ministro Dilson Funaro não citou os trabalhadores talvez seja um desafio à minha memória, talvez não possa lembrar algum pronunciamento, talvez porque, quando era jovem, recordo que tantas vezes se evocou o nome dos trabalhadores para fazer legislação fascista neste País — e que perdura até hoje.

Porém, vi que, com um gesto concreto, o Ministro Funaro foi quem mais atuou em favor dos trabalhadores, pelo menos na história recente desta República, na história dos últimos Ministros de Estado da Fazenda, na busca de um caminho que possa significar um esforço na redistribuição da renda.

Esse gesto que Funaro praticou é que reclamaria, em nome não do valor político e do apoio, mas em nome do interesse popular que todos devemos representar, ou seja, da capacidade crítica de dinamicamente nos opormos ao Governo, quando for o caso, e aplaudirmos os gestos concretos que signifiquem avanços sociais.

Funaro, sem dúvida, sai do Ministério deixando, com a sua figura austera e sóbria, um exemplo que, espero, frutifique não em futuro remoto, mas na figura do seu sucessor, para que ele — o sucessor — saiba aquilo que é uma conquista da Nação: não queremos mais o equilíbrio que nos oferece o Fundo Monetário Internacional, desde que a vida seja boa apenas para quarenta milhões de brasileiros.

Aí, não falarão dólares para a rolagem da dívida e não faltarão técnicos do FMI recomendando o apoio do Clube de Paris e do Citycorp ao Brasil, porque o Brasil, bem comportado, terá decidido que quarenta milhões de brasileiros vivem bem — somos nós; que quarenta milhões vivem mal — são os trabalhadores; e que quarenta milhões não vivem, vegetam — são os nossos irmãos jogados à miséria por uma política que tem pais e mães que frequentam esta Casa, olham nos olhos do povo com a coragem da inconsciência de imaginar que já se esqueceram dos crimes que praticaram.

Não!

A lembrança do Sr. Dilson Funaro será, tenho certeza, no futuro imediato da nossa política fazendária, um instrumento para o prosseguimento dos avanços.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Humberto Lucena) — Encerrada a lista de oradores, com a palavra do Deputado Ibsen Pinheiro, pela Liderança do PMDB, passa-se à Ordem do Dia.

Votação, em turno único, do Projeto de Resolução n° 1, de 1987-CN (apresentado pelas Mesas da Câmara dos Deputados e do Senado Federal), que introduz disposições especiais no Regimento Comum a vigorarem durante o período de funcionamento da Assembléia Nacional Constituinte; dependendo de parecer sobre as Emendas n°s 1 e 2 de Plenário.

O Sr. Brandão Monteiro — Sr. Presidente, peço a palavra para uma questão de ordem.

O SR. PRESIDENTE (Humberto Lucena) — Concedo a palavra a V. Ex^a para uma questão de ordem.

O SR. BRANDÃO MONTEIRO (PDT — RJ. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, nos termos do art. 29, § 2º, é evidente que não existe **quorum** na Casa, isto é, um sexto dos Srs. Senadores e um sexto dos Srs. Deputados. Desta forma, solicito a V. Ex^a que dê por encerrada a sessão.

O SR. PRESIDENTE (Humberto Lucena) — Atendendo à palavra de V. Ex^a e verificando que realmente não há número suficiente de Congressistas para a continuação da presente sessão, vou encerrá-la.

Mas, antes, a Presidência convoca sessão conjunta do Congresso Nacional a realizar-se no dia 4 de maio, segunda-feira, às 18h 30 min, neste Plenário, destinada à votação do Projeto de Resolução n° 1/87-CN.

Apele às Lideranças dos diversos partidos das duas Casas do Congresso Nacional no sentido de que, na próxima segunda-feira, façamos um esforço para assegurar o comparecimento dos Parlamentares, possibilitando **quorum** regimental para votação dessa matéria de transcendental importância, pois, sem a reforma no Regimento Comum, dificilmente teremos como atender aos reclamos das diversas Lideranças para discussão e votação de centenas de decretos-leis e vetos presidenciais que se encontram em tramitação no Congresso Nacional.

Está encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 20 horas e 6 minutos.)

Centro Gráfico do Senado Federal
Caixa Postal 07/1203
Brasília — DF

EDIÇÃO DE HOJE: 8 PÁGINAS

PREÇO DESTE EXEMPLAR: Cz\$ 2,00